

VARIAÇÃO DA EXPRESSÃO DA FUTURIDADE VERBAL NOS TIPOS DE DISCURSO DA ORDEM DO EXPOR

Thiago Gil Lessa Alves*, Maria Elias Soares**

Resumo

Este artigo trata da variação, nos tipos de discurso da ordem do expor, entre três formas de codificação do subdomínio funcional de expressão da futuridade: presente do indicativo, perífrase ir + infinitivo e futuro do presente do indicativo. São objetivos do trabalho: a) delimitar subdomínios funcionais de expressão da futuridade, relacionando-os aos tipos de discurso do expor; b) analisar a variação entre as formas acima, usando princípios e metodologia da Teoria da variação e mudança. A pesquisa analisa dados obtidos do uso da língua, provenientes do corpus do projeto Estudo da Língua Oral do Cariri, e busca fatores linguísticos e sociais que possam condicionar o uso das variantes, submetendo esses dados a tratamento estatístico através do pacote computacional VARBRUL. Os resultados demonstram que fatores linguísticos como marcação contextual da futuridade e o fator social idade são relevantes na variação das formas em questão nos tipos de discurso observados.

Palavras-chave: Futuridade. Variação. Tipos de discurso.

Abstract

This paper deals with the variation, in the types of discourse of the exposition order, between three codification forms of the functional subdomain of expression of futurity: indicative present, periphrasis ir + infinitive and indicative present future. It has as objectives: a) to delimit functional subdomains of expression of futurity, relating them to the types of discourse of the exposition order; b) to analyze the variation between the forms above, using principles and methodology of the Theory of variation and change. It

analyzes data from language use, originating from the corpus of the Project Estudo da Língua Oral do Cariri, and it searches for linguistic and social factors that can determine the use of the variants, submitting this data to statistic treatment on the computational pack VARBRUL. The results show that linguistic factors as contextual markness of futurity and the social factor age are relevant in the variation of the analyzed forms in the types of discourse observed.

Keywords: Futurity. Variation. Types of discourse.

1 INTRODUÇÃO

A variação entre formas verbais de expressão da futuridade tem sido atestada e estudada em trabalhos como os de Domingos (2002) e Gibbon (2000). Esses estudos, e ainda outros, como os de Torres (2009) e Oliveira (2006), tem a característica em comum de partir de uma abordagem da categoria de tempo que associa, primeiramente, a organização do sistema temporal do verbo à expressão do tempo cronológico. Definem os tempos e suas funções tendo em vista o posicionamento cronológico do evento em relação ao momento da fala ou a outros tipos de ponto de referência, fazendo menção também às categorias de aspecto e modalidade. Embora seja inegável a existência de uma dimensão do sistema temporal em que há uma relação entre as funções das formas verbais e o tempo cronológico, tal dimensão deve ser considerada relativamente a uma dimensão mais ampla, relacionada à codificação de diferentes *tipos de discurso*. Abordagens alternativas como as propostas por Benveniste (1995[1966]), Weinrich (1974) e Bronckart (2003) demonstram que é possível e necessário explicar a organização dos sistemas temporais a partir de uma dimensão discursiva que não se fundamenta primeiramente

* Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC; Professor da Universidade Regional do Cariri (thiagogillessa@gmail.com).

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC (melias@ufc.br).

na relação entre a categoria linguística de tempo e o tempo cronológico, mas na relação entre os tempos verbais e diferentes mundos discursivos em que são produzidos os mais diversos tipos de texto.

Este artigo, baseado em um estudo piloto que é parte de uma pesquisa mais ampla¹, trata da variação entre três formas verbais de expressão da futuridade, *presente do indicativo*, *perífrase ir + infinitivo*, *futuro do presente do indicativo*, em dois diferentes tipos de discurso, que compõem a ordem do *expor*: o *discurso interativo* e o *discurso teórico*. Objetivamos nele: a) delimitar subdomínios funcionais de expressão da futuridade, partindo da perspectiva alternativa, inserida no *interacionismo sociodiscursivo*, conforme Bronckart (2003), de que os tempos verbais não podem ser definidos exclusivamente a partir da associação entre tempo verbal e tempo cronológico, pois são organizados em subsistemas relacionados primeiramente a tipos de discurso básicos que compõem qualquer texto; b) analisar a variação entre as formas acima, usando pressupostos e metodologia da *Teoria da variação e mudança*, conforme Labov (1972a; 1972b; 1978). Partimos de dados obtidos do uso da língua, provenientes do *corpus* do projeto *Estudo da Língua Oral do Cariri*, e buscamos fatores linguísticos e sociais que possam condicionar o uso das variantes, submetendo esses dados a tratamento estatístico através do pacote computacional VARBRUL.

Dividimos o trabalho em mais quatro seções: a seguinte, em que apresentamos as bases teóricas que o fundamentam, a perspectiva dos tipos de discurso de Bronckart (2003) e a Teoria da variação e mudança de Labov (1972a); uma posterior a essa, em que explicitamos os procedimentos metodológicos e o *corpus* de análise; uma outra em que apresentamos e analisamos as estatísticas obtidas nas rodadas do VARBRUL; e uma última em que tecemos nossas considerações finais, resumindo os principais pontos do trabalho.

2 TIPOS DE DISCURSO E VARIAÇÃO

Recorremos para fundamentar nossa pesquisa a duas bases teóricas diferentes, uma para cada um dos dois objetivos traçados acima: a proposta de divisão dos tipos de discurso de Bronckart (2003) e a Teoria da variação e mudança de Labov (1972a). Iniciemos pela perspectiva de Bronckart.

Há quatro tipos de discurso básicos, que combinados ou não compõem qualquer texto: *relato interativo*, *narrar*, *discurso interativo* e *discurso teórico*. Os dois primeiros compõem a ordem do *narrar*. Predominantes em gêneros como romance, conto, novela, são criados a partir

de operações psicológicas que situam as coordenadas do texto como *disjuntas* das do *mundo ordinário* (cf. HABERMAS, 1987). Os fatos constantes do texto são organizados em um eixo de referência construído a partir de uma *origem espaço-temporal*, que pode ser autônoma mas calculável em relação à duração associada ao ato de produção e *implicar* os parâmetros físicos da ação de linguagem (personagens, grupos sociais, etc. e seu contexto espaço-temporal), o que acontece no *relato interativo*; ou ser absoluta, completamente independente do ato de produção e não implicar os parâmetros físicos, que é o caso da *narrar*. Os dois outros tipos de discurso constituem a ordem do *expor* e compõem predominantemente os gêneros conversação, entrevista, monografia científica, dicionário, enciclopédia, etc. Derivam de operações psicológicas que não explicitam disjunção, de forma que as coordenadas gerais dos conteúdos mobilizados em um texto não poderão ser construídas sem referência às coordenadas gerais do mundo ordinário, ou seja, como *conjuntas* a estas. A organização dos conteúdos do texto será feita a partir de um eixo de referência que não terá como base uma origem espaço-temporal, podendo ancorar-se na própria duração do ato de produção e implicar os parâmetros físicos, como no *discurso interativo*, ou ser indiferente a ela e não implicar os parâmetros físicos, como no *discurso teórico*.

Dessas definições dos tipos de discurso, depreendemos que os tempos verbais próprios de cada um são organizados em diferentes subsistemas, pois são situados em diferentes eixos de referência, ancorando-se ou não no ato de produção e o implicando ou não. O subdomínio de expressão da futuridade na ordem do *expor* pode ser definido, portanto, como a função temporal que marca um processo verbal como posterior a um ponto de referência ancorado no ato de produção, no discurso interativo, ou indiferente a ele e composto de outro processo verbal, no discurso teórico. No primeiro, os tempos verbais têm um caráter acentuadamente dêitico, pois o eixo de referência global em que são localizados tem a duração associada ao ato de produção como centro, o que não ocorre no segundo em que os tempos assumem um valor mais genérico.

A variação no interior de cada tipo de discurso é analisada com base na Teoria da variação e mudança de Labov (1972a), que intenta relacionar fenômenos linguísticos a fenômenos sociais a partir de um tratamento quantitativo de dados. O postulado central é o de que é possível estabelecer relações estatísticas entre o uso de formas linguísticas em variação e fatores que os condicionam. Tais fatores agem sempre em conjunto, definindo tendências de uso que são traduzidas em termos numéricos. O sistema linguístico é visto como constituído de um conjunto de

¹ Essa pesquisa foi desenvolvida como tese de doutoramento e aborda a variação na expressão da futuridade nos tipos de discurso do *expor* e do *narrar*, propostos por Bronckart (2003).

escolhas que o falante faz apoiado em motivações diversas, linguísticas, discursivas, sociais. Nele, há alguns aspectos que não permitem variação, as *regras categóricas* ou *invariantes*. Por outro lado, os fatos linguísticos que permitem variação são preponderantes e constituem as *regras variáveis*, estabelecidas quando duas ou mais formas linguísticas, com mesmo valor referencial ou de verdade, podem ocorrer em um mesmo contexto. Uma variável linguística é caracterizada por ter ocorrência frequente, ser estruturalmente integrada num sistema de unidades em funcionamento e ser estratificada (LABOV, 1972b, p. 8). Apesar de ter o mesmo valor referencial ou de verdade, as variantes têm valores sociais e estilísticos diferentes.

Essa noção de regra variável, aplicada inicialmente para análise de fenômenos fonológicos, foi usada posteriormente para fenômenos morfossintáticos (WEINER & LABOV, 1977), o que não foi aceito pacificamente. Lavandera (1978) questiona a aplicabilidade dos postulados da variação em níveis linguísticos além do da fonologia. Para a autora, cada forma linguística morfossintática tem um significado próprio, necessariamente diferente do das demais. Não seria possível considerar duas ou mais formas linguísticas dessa natureza como variantes que dizem a mesma coisa, a não ser que a noção de *mesmo significado* correspondesse a *de mesma função*. Labov (1978, p. 2) responde aos questionamentos de Lavandera e defende a aplicação da noção de regra variável para outros níveis além do da fonologia. Apoiando-se na noção de *significado representacional*: ter o mesmo significado ou valor de verdade significa se referir ao mesmo estado de coisas. Isso nos permite considerar as três formas de expressão de futuridade em foco como variantes de uma mesma variável.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* de análise provém do projeto ELOC – Estudo da Língua Oral do Cariri, inserido no Projeto Profala. No todo, o projeto ELOC é constituído de 190 entrevistas, entre informante e documentador, com cerca de 85 horas de gravação, realizadas com informantes de diferentes faixas etárias, sexo, escolaridade, zona de habitação e regiões do Cariri cearense. Para nossa pesquisa, selecionamos 5 entrevistas de informantes de cada uma de três faixas etárias (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, 50 anos em diante) e três níveis de escolaridade (0 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 anos em diante), somando um total de 45 inquiridos.

Somente foram considerados como dados de nossa pesquisa as formas que poderiam ser substituídas por outras na expressão de futuridade, mantendo o mesmo significado referencial. Não foram computadas, por exemplo, ocorrências em que nitidamente a forma de futuro não possui valor temporal ou faz parte de uma estrutura cristalizada do tipo ‘ano que *vem*’, ou ‘*será* que chove?’, com valor putativo. Para proceder à análise quantitativa dos

dados obtidos, utilizamos o pacote computacional VARBRUL (cf. PINTZUK, 1988). Com ele, as variáveis podem ser ordenadas em termos do peso relativo com que contribuem para a aplicação de uma regra: é interpretado como favorável à aplicação se for superior a .50, como inibidor se for inferior a .50, e como neutro se for igual a .50 (cf. NARO, 2003). Foram testados 8 grupos de fatores: projeção da futuridade, tipo de verbo quanto à presença dos traços de movimento e deslocamento, tipo de futuridade quanto à limitação, ocorrência da forma em construção verbal maior, número de sílabas do verbo, marcação contextual da futuridade, idade e escolaridade.

4 A EXPRESSÃO DA FUTURIDADE NA ORDEM DO EXPR

No discurso interativo, preponderante no gênero entrevista, foram contabilizadas 662 formas de expressão de futuridade, das quais 9 (1%) foram de formas de futuro do presente, 231 (35%) de formas de presente do indicativo e 422 (64%) de formas de *ir + infinitivo*, conforme exemplificado, abaixo:

(1) **INF**: talvez se eu tivesse tido a chance que eles têm hoje’ (+) eu já tivesse terminado os meus estudos mais infelizmente não foi possível’ porque: era muito difícil pra mim’ mais hoje se Deus quizer eu **vô conseguí**’ e sendo assim **se tornará** mais fácil pra que eu possa arrumá um **imprego**’(...) (ELOC, inq. 165, p. 5, ocorrência 2)

(2) **INF**: sim os home são casado todo os ôtu são casado’ agora’ i existe a duar mulhé que não’ até ao presente momento não casaro porque não deu certo’ mais quem sabe pra frente **pode** sê qui.: resolva (+) ô dum jeito ô de ôtu casá (baixa o tom de voz) se quisé ((ri)) se num quisé: também num **vai tê problema** (...) (ELOC, inq. 010, p. 10, ocorrência 10)

Dos 8 grupos de fatores, 7 foram selecionados pelo VARBRUL, nessa ordem: tipo de verbo quanto à presença dos traços de movimento e deslocamento, tipo de futuridade quanto à limitação, ocorrência da forma em construção verbal maior, número de sílabas do verbo, marcação contextual da futuridade, idade, grau de escolaridade. O único fator descartado foi projeção da futuridade.

Já nos trechos de discurso teórico foram contabilizadas menos formas, pois esse tipo de discurso, no gênero entrevista, ocorre como secundário e encaixado no tipo principal, que é o discurso interativo. Foram 173 formas de expressão de futuridade, das quais 3 (2%) foram de formas de futuro do presente, 81 (47%) de formas de presente do indicativo e 89 (51%) de formas de *ir + infinitivo*, conforme exemplificado, abaixo:

(3) **INF**: (...) eu acho que educação num é professô’ eu acho que educação ela vem de casa’ do berço’ a

escola é só um complemento, se o menino é orgulho dentro de casa' com certeza/(+) acho que ele **será** na escola, (incompreensível) (...) (ELOC, inq. 035, p. 11, ocorrência 1)

(4) **INF**: eu acho que(+) inquanto num tive consciência' uma política consciente é: / é (+) na ca:beça dos brasilêros' eu acho que / que num tem jeito, eu digo assim' porque muita gente se vende por um pá de chinela' um saco de cimento'ele num tá sabeno que aquela chinela ' aquele saco de cimento **vai custá** muito caro (...) (ELOC, inq. 035, p. 9, ocorrência 2)

Dos 8 grupos de fatores, 5 foram selecionados pelo VARBRUL, nessa ordem: marcação contextual da futuridade, tipo de verbo quanto à presença dos traços de movimento e deslocamento, tipo de futuridade quanto à limitação, número de sílabas do verbo e idade. Vejamos os dados referentes a cada grupo de fatores nos dois tipos de discurso da ordem do expor.

No grupo de fatores *tipo de verbo quanto à presença dos traços movimento e deslocamento*, dividimos as ocorrências entre as formas de verbos que detivessem os traços de movimento e deslocamento, como *ir, vir, sair, partir*, etc. e as de verbos que não os detivessem. Os resultados estão na tabela 1, abaixo.

Tabela 1 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* - Tipo de verbo quanto à presença dos traços movimento e deslocamento.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc.teo.	disc. int.	disc. teo.	disc.int.	disc.teo
detentores	16/82	3/13	20%	23%	.12	.11
não-detentores	406/580	86/160	70%	54%	.57	.54
Total	422/662	89/173	64%	51%		

A hipótese era a de que as formas *de ir +infinitivo* não fossem muito produtivas com verbos detentores dos traços de movimento e deslocamento, dado o fato de ainda conservarem, no auxiliar, esses mesmos traços semânticos do verbo pleno *ir*. No discurso interativo, o peso relativo de aplicação da regra foi apenas .12. nos verbos detentores, indicando um contexto fortemente inibidor da perífrase e confirmando a hipótese. Nesse caso, as formas de presente (66/82 ocorrências, 80%) foram as preferidas. Não ocorreu nenhuma forma de futuro do presente. No discurso teórico, a hipótese também se confirma com o maior peso relativo ocorrendo com os verbos não-detentores dos traços de movimento e deslocamento. As formas de presente ocorreram em 77% (10/13) dos verbos detentores e em 44% (71/160) dos não-detentores. As formas de futuro, 3/160 (3%), ocorreram em contextos não detentores. Esse resultado pode apontar para o fato de que a gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro ainda não está completa ou tão avançada como em outras línguas a exemplo do inglês, em que o auxiliar da perífrase correspondente já é usado com o próprio verbo *ir*.

Quisemos verificar, no grupo de fatores *tipo de futuridade quanto à limitação*, se a entrada em cena de um eixo de referência local constituído de um evento ainda não acontecido (como 'quiser' na condicional do exemplo 2), que é condição para o acontecimento do *processo* a ser expresso no futuro, interfere na escolha da forma de futuridade. Chamamos de limitadas as futuridades de contextos em que há esse tipo de eixo e as opusemos às que aparecem em contexto não-limitado. Baseando-nos no princípio da quantidade, segundo o qual uma informação já ativada não necessita de uma maior codificação (cf. GIVÓN, 2001), supomos que os *processos* que constituem os eixos de referência limitadores, não-acontecidos, de certa forma, já trazem em si, elementos de futuridade, o que favoreceria mais a ocorrência de formas verbais sem marca morfológica de futuridade (morfema ou verbo auxiliar), conforme a tabela 2.

Tabela 2 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* - Tipo de futuridade quanto à limitação.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc.teo.	disc. int.	disc. teo.	disc.int.	disc.teo
limitada	86/191	20/80	45%	25%	.29	.31
não-limitada	336/471	69/93	71%	74%	.59	.67
Total	422/622	89/173	64%	51%		

Os números confirmam a hipótese aventada. A presença de eixo limitador é desfavorável à aplicação da regra é desfavorável. No discurso interativo a regra de aplicação de *ir+infinitivo* também teve maior peso relativo em futuridades não-limitadas, .59. A ocorrência de formas de futuro do presente se reduziu a 4/191 (2%) e a de formas de presente foi de 101/191 (53%). No discurso teórico, a regra de aplicação também teve maior peso relativo em futuridades não-limitadas, .67. O presente do indicativo ocorreu em 72% (58/80) das futuridades limitadas em contraste com os 25% (23/93) de ocorrência nas futuridades não-limitadas. O futuro do presente dessa vez ocorre em 2% das futuridades limitadas (2/80) e em 1% (1/93) das futuridades não-limitadas.

No grupo de fatores *ocorrência da forma verbal em construção verbal maior*, as formas foram observadas relativamente ao fato de comporem ou não uma construção verbal maior. Assim, como se demonstra na tabela 3, consideramos as formas de futuridade dos auxiliares e semi-auxiliares modais (poder, ter de, dever, precisar, querer, saber, parecer, crer + infinitivo), de voz passiva (ser + participio), e aspectuais seguidos de participio (ter + participio) e gerúndio (estar + gerúndio).

Tabela 3 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* – Ocorrência da forma verbal em construção verbal maior.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc.teo.	disc. int.	disc. teo.	disc.int.	disc.teo.
ocorrente	16/57	8/28	28%	29%	.14	-
não-ocorrente	406/605	81/145	67%	56%	.54	-
Total	422/622	89/173	64%	51%		-

A hipótese é a de que, além do valor temporal, as formas de futuridade de *ir + infinitivo* veiculam valores modais e aspectuais ligados ao significado do verbo *ir* pleno. Tais valores podem não ser relevantes na construção verbal maior já detentora de seus próprios valores modais e aspectuais. Além do mais, uma perífrase pode aumentar sobremaneira, em termos de extensão, o núcleo do predicado verbal. No discurso interativo, o peso relativo de .14 quando a forma verbal de futuridade se encontra em construção verbal maior aponta para um contexto de forte restrição à perífrase. As formas de presente do indicativo revelam-se as principais concorrentes da perífrase nesse contexto com 41/57 (72%) ocorrências. Não ocorreu aí nenhuma forma de futuro do presente. No discurso teórico, esse grupo de fatores foi descartado pelo programa. No entanto, os percentuais vão ao encontro da hipótese levantada. A maioria das formas de *ir + infinito* (56%) ocorreu com verbos que não participam de construção verbal maior. No contexto *ocorrente em construção verbal maior*, o percentual foi de apenas 29%. As formas de presente ocorreram em 43% (62/145) dos verbos não-ocorrentes e em 68% (19/28) dos verbos ocorrentes. Quando colocamos o presente como regra de aplicação, esse grupo foi selecionado pelo programa. A aplicação atingiu um peso relativo de .45 em verbos não-ocorrentes e de .72 em verbos ocorrentes. As formas do futuro de presente ocorreram 2/145 (1%) em verbos não-ocorrentes e 1/27 (4%) em verbos ocorrentes.

Opusemos no grupo de fatores *número de sílabas do verbo* três tipos de verbos quanto ao número de sílabas que comportam quando no infinitivo: verbos com uma, duas e três ou mais sílabas. A estatística segue abaixo:

Tabela 4 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* – Número de sílabas do verbo.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc.teo.	disc. int.	disc. teo.	disc.int.	disc.teo
1 sílaba	97/206	11/41	47%	27%	.35	.28
2 sílabas	216/330	45/85	65%	53%	.49	.51
3 ou mais síl.	109/126	33/47	87%	70%	.75	.68
Total	422/622	89/173	64%	51%		

A hipótese foi de que, nos verbos com maior número de sílabas, as formas perifrásticas teriam produtividade maior. Como a maioria dos vocábulos da língua tem duas ou três sílabas pode haver maior tendência a se usar com eles essas formas do que em verbos com uma única sílaba. É justamente com esses últimos que a aplicação da regra é mais desfavorável com o peso relativo de .35 no discurso interativo, seguindo uma escala crescente com verbos de duas (.49) e três ou mais sílabas (.75). As formas de presente são também aqui as principais concorrentes de *ir + infinitivo*, ocorrendo em 51% (105/206) dos verbos com 1 sílaba, em 33% (110/230) dos verbos com duas sílabas e em 13% (16/126) dos verbos com 3 ou mais sílabas. Oliveira (2006, p. 138), apoiando-se em Bybee (2003), argumenta que verbos monossilábicos, que

são irregulares e de alta frequência, tendem a ser armazenados como únicos, sendo menos susceptíveis à mudança e favorecendo mais a ocorrência de formas futuro do presente. Em nossos dados, essas formas ocorrem em 2% (4/206) dos verbos com uma sílaba, em 1% (4/330) de verbos com duas sílabas e em 1% (1/126) com verbos de 3 ou mais sílabas, confirmando o esperado. No discurso teórico, os verbos monossilábicos também inibem a perífrase e os verbos com 3 ou mais sílabas são os mais favoráveis à aplicação da regra. São as formas do presente que ocupam o espaço sobre o qual a perífrase não avança: ocorrem em 68% (28/41) dos verbos monossilábicos, em 46% (39/85) dos verbos dissilábicos e em 30% dos verbos com três ou mais sílabas. O futuro do presente confirma seu reduto nos verbos de uma sílaba, ocorrendo em 5% (2/41) deles e em 1% (1/85) dos verbos dissilábicos. Não ocorre nenhuma vez com verbos trissilábicos ou polissilábicos.

No grupo de fatores *marcação contextual da futuridade*, opusemos as formas de futuridade que ocorrem em contexto com alguma marca de futuridade externa a ela (advérbio, locuções ou orações adverbiais temporais, outra forma verbal com marca morfológica de futuridade) às que ocorrem em contextos sem tais marcas. Os resultados podem ser conferidos na tabela 5, abaixo.

Tabela 5 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* – Marcação contextual da futuridade.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc.teo.	disc. int.	disc. teo.	disc.int.	disc.teo
contexto marcado	223/401	38/116	56%	33%	.44	.31
contexto não-marc.	199/261	51/57	76%	89%	.59	.84
Total	422/622	89/173	64%	51%		

Hipotetizamos que em contextos marcados as formas de *ir + infinitivo* e futuro do presente teriam menor produtividade do que em contextos não-marcados. Como a futuridade já está expressa por algum outro mecanismo não necessitaria de uma marca morfológica. No discurso interativo, vemos que o menor peso relativo de aplicação da perífrase, .44, se dá justamente em contexto marcado. O percentual de formas do futuro do presente também é menor no primeiro tipo de contexto, 1% (5/401), do que no segundo, 2% (4/261). Os percentuais das formas do presente foram 43% (43/401) em contexto marcado e 22% (58/261), também confirmando o esperado. No discurso teórico, à semelhança do que aconteceu no discurso interativo, a regra de aplicação teve maior peso relativo em contextos não-marcados. Em contexto marcado, o presente teve 75/116 (65%) ocorrências e, em contexto não-marcado, 6/57 (11%). O futuro do presente, entretanto, teve todas as suas ocorrências em contexto marcado, 3/116 (3%).

No grupo de fatores *idade* (tabela 6), foram consideradas de três faixas distintas: 25 a 35 anos, 36 a 50 anos, acima de 50 anos.

Tabela 6 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* – Idade.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc. teo.	disc. int.	disc. teo.	disc. int.	disc. teo.
Faixa 1 (25 a 35 anos)	155/220	32/65	70%	49%	.60	.53
Faixa 2 (35 a 49 anos)	149/252	39/62	59%	63%	.45	.64
Faixa 3 (50 anos em diante)	118/190	18/46	62%	39%	.45	.29
Total	422/622	89/173	64%	51%		

Esse grupo acrescenta uma dimensão diacrônica à pesquisa. Outras pesquisas, como a de Oliveira (2006), demonstram que as formas de *ir + infinitivo* encontram-se em franca expansão na substituição das formas de futuro do presente na expressão da futuridade, o que aponta para uma mudança em curso. Os dados da tabela acima também apontam para a mudança. No discurso interativo, a camada mais jovem é favorável a aplicação da perífrase, forma inovadora, como mostra o peso relativo .60. Contudo, a faixa intermediária e a mais velha a desfavorecem, apresentando peso relativo exatamente igual, .45. O uso do presente é maior na faixa intermediária, 100/252 (40%), e na mais velha, 70/190 (37%), do que na mais jovem 61/220 (28%). Já as formas de futuro do presente têm maior percentual na faixa etária mais jovem, 4/220 (2%), ocorrendo 3/252 (1%) na faixa intermediária, e 2/190 (1%) na camada mais velha. No discurso teórico, confirma-se parcialmente a hipótese postulada. Dessa vez, o menor peso relativo para a aplicação da regra, como esperado, aconteceu na faixa etária mais velha e o maior peso relativo foi da faixa etária intermediária, não muito distante do peso da faixa mais jovem. As formas do presente ocorreram em 61% (28/46) dos casos na faixa mais velha, em 34% (21/62) na faixa intermediária e em 49% (32/65) na faixa mais jovem. As formas do futuro do presente ocorreram em 2% (1/65) dos casos na faixa mais jovem e em 3% (2/62) na faixa intermediária, também confirmando só parcialmente a hipótese, uma vez que não ocorreram em nenhuma das futuridades da faixa mais velha.

No grupo de fatores *escolaridade* foram considerados três diferentes graus de escolaridade: grupo A (até 4 anos de escolaridade), grupo B (de 4 a 8 anos), grupo C (9 anos em diante). Os resultados são apresentados abaixo (tabela 7).

Tabela 7 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* – Escolaridade.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc. teo.	disc. int.	disc. teo.	disc. int.	disc. teo.
grupo A (até 4 anos)	166/287	34/73	58%	47%	.43	-
grupo B (4 a 8 anos)	109/159	19/35	69%	54%	.52	-
grupo C (9 anos em diante)	147/216	36/65	68%	55%	.58	-
Total	422/622	89/173	64%	51%		

Partimos da hipótese de que indivíduos com maior escolaridade tendem a atualizar com mais frequência as formas mais canônicas, geralmente, objeto de ensino formal e normativo. Gryner (2003) constatou que o futuro do presente tende a ser favorecido pelo maior grau de escolaridade do falante. Entretanto, os dados acima não confirmam a hipótese formulada. Esperávamos que o peso relativo para a aplicação da regra fosse maior no grupo menos escolarizado do que no grupo mais escolarizado, dando-se o contrário, no discurso interativo. Esperávamos também que o maior índice de ocorrência de futuro do presente acontecesse no grupo mais escolarizado, mas foi maior no grupo intermediário, 5/159 (3%).

No grupo mais escolarizado, o futuro do presente ocorreu 4/216 (2%) e, no grupo menos escolarizado, nenhuma vez. Já as formas do presente ocorreram 121/287 (42%) no grupo menos escolarizado, 45/159 (28%) no grupo intermediário e 65/216 (30%) no grupo mais escolarizado, aproximando-se da hipótese aventada, já que era previsto um maior uso do presente na camada menos escolarizada e, embora tenha sido menor na camada intermediária do que na de mais escolaridade, os percentuais ficaram próximos. No discurso teórico, esse grupo não foi selecionado. Os percentuais são bastante próximos demonstrando que a expansão da forma perifrástica é expressiva inclusive na faixa com maior grau de escolaridade (55%, contra 55% no grupo intermediário e 47%, no grupo com menor grau de escolaridade). Isso pode indicar que *ir+infinitivo* não sofre avaliação negativa, sendo aceita mesmo nas camadas mais instruídas. As formas do presente têm maior percentual de ocorrência no grupo com menos escolaridade, 52% (38/73), e o mesmo percentual nos outros dois grupos, 43% (15/35) e 43% (28/65) nos grupos intermediário e mais escolarizado, respectivamente.

As formas do futuro do presente têm maior percentual no grupo intermediário, 3% (1/35), a seguir no grupo mais escolarizado, 2% (1/65), e no grupo menos escolarizado, 1% (1/73). Por um lado, esses dados podem apontar para o fato de o uso da perífrase estar bastante expandido e consolidado, atingindo inclusive redutos de resistência do futuro do presente. Observe-se que os números de ocorrência de cada uma das formas nos três grupos são bastante próximos. Por outro lado, demonstram que a forma canônica está perdendo completamente seu espaço, inclusive para o presente.

A *Projeção da futuridade* foi o único grupo não selecionado na rodada das futuridades do discurso interativo. A hipótese foi a de que o uso do presente e da perífrase fosse maior em futuridades próximas (até 1 ano do ponto de referência) do que em futuridades distantes (mais de 1 ano do ponto de referência) e que o uso da perífrase também fosse acentuado em futuridades indefinidas:

Tabela 8 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo e futuro do presente* – Projeção da futuridade.

Fatores	Nº de dados/total		Porcentagem		Peso Relativo	
	disc. int.	disc. teo.	disc. int.	disc. teo.	disc. int.	disc. teo.
Fut. próxima	103/168	7/21	61%	33%	-	-
Fut. distante	8/12	1/2	67%	50%	-	-
Fut. indefinida	311/482	81/150	65%	54%	-	-
Total	422/622	89/173	64%	51%		

Os percentuais estão muito próximos, indicando praticamente indiferença da escolha da forma relativamente à projeção do evento futuro. O presente foi usado em 38% (64/168) das futuridades próximas, 33% (4/12) das futuridades distantes e 34% (163/482) das futuridades indefinidas. Já o futuro do presente ocorreu em 1% (1/168) das futuridades próximas e 2% das futuridades indefinidas (8/482), não sendo usado nenhuma vez em futuridade distante. Mais uma vez, as formas de *ir + infinitivo* e do presente do indicativo parecem invadir também os contextos em que se poderia esperar mais ocorrências do futuro do presente. No discurso teórico, esse grupo também foi descartado. A perífrase *ir + infinitivo* teve ocorrência de 33% em futuridade próxima, 50%, em futuridade distante e 54%, em futuridade indefinida. As formas do presente tiveram uma ocorrência de 67% (14/21) em futuridade próxima, 50% (1/2) em futuridade distante e 44% (66/150) em futuridade indefinida. Todas as formas de futuro do presente (3/150, 2%) aconteceram em futuridade indefinida. Apesar de o grupo ter sido descartado, vemos que alguns números apontam para a hipótese que postulamos: as formas do presente são maioria em futuridade próxima em que pode ser menos ressaltada a qualidade de processo futuro e as formas de *ir + infinitivo* são maioria em futuridade indefinida, em que pode haver maior necessidade de destaque do processo como futuro, compensando a indefinição do contexto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consideração dos tipos de discurso é fundamental na definição e na análise das funções temporais. Os tempos verbais próprios de cada um são organizados em diferentes subsistemas, pois são situados em diferentes eixos de referência, ancorando-se ou não no ato de produção e o implicando ou não. O subdomínio de expressão da futuridade na ordem do expor pode ser definido como a função temporal que marca um processo verbal como posterior um ponto de referência, ancorado no ato de produção, no discurso interativo, ou indiferente a ele e composto de outro processo verbal, no discurso teórico.

Em linhas gerais, as hipóteses levantadas para os grupos de fatores que influenciariam na variação entre as formas investigadas foram confirmadas, tanto no discurso interativo como no discurso teórico, apesar de neste tipo mais grupos não terem sido selecionados. Alguns grupos se mostraram muito relevantes na variação como *tipo de*

verbo quanto à presença dos traços de movimento e deslocamento. Outros grupos de fatores, no entanto, não confirmaram totalmente as hipóteses como os grupos *projeção da futuridade e escolaridade*.

Ressaltamos que uma razão importante para que as estatísticas e resultados tenham sido muito próximos nos dois tipos de discurso é o fato de os trechos de discurso teórico serem secundários e encaixados no discurso interativo, tipo de discurso principal no gênero entrevista. Características do tipo principal podem ter sido transferidas para o tipo encaixado, como a de ser mais propício à expansão de formas inovadoras, como *ir + infinitivo*.

REFERÊNCIAS

- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral I*. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.
- DOMINGOS, Reginaldo da Silva. *Expressão do futuro no português oral culto de Fortaleza*. 2002. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- GIBBON, Adriana de O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis*: gramaticalização e variação. 2000. Dissertação, Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- GIVÒN, Talmy. *Syntax. An introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. v.1.
- HABERMAS, J. *Théorie de l'agir communicationnel*. Paris: Fayard, 1987.
- GRYNER, Helena. Equilíbrio de desequilíbrio na evolução das estruturas condicionais. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, 2003.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972 b.
- _____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44. Texas, 1978.
- LAVANDERA, Beatriz R.. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language Society*, nº 7, London, 1978, p. 171-182.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento

estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.

OLIVEIRA, Joseane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. Tese, Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PINTZUK, S. *Programas VARBRUL*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

TORRES, Fábio Fernandes. *O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista*. 2009. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

WEINER, E. J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, 1977, p. 29-58.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1974.